mocidade
portuguesa
feminina
Foto: PUPPE

Sumário

BOLETIM MENSAL // Assinatura ao ano 12$00 / Preço avulso 1$00

ABRIL
N.º
72

Obra das Mães pela Educação Nacional
«MOCIDADE PORTUGUESA FEMININA»

Direcção, Administração e Propriedade do Comissariado Nacional da Mocidade Portuguesa Feminina. — Redacção e Administração: Comissariado Nacional da M. P. F., Praça Marquês de Pombal, n.º 8 — Telefone 4 6134 — Directora e Editora: Maria Joana Mendes Leal. — Arranjo gráfico, gravura e impressão da Neogravura, Limitada, T. da Oliveira, à Estrêla, 4 a 10 — Lisboa

CLARA WIECK

ROBERTO SCHUMANN

Figuras do Romantismo Musical

SCHUMANN e CLARA WIECK

Um grande crítico musical — Guy de Pourtalés — escreveu numa das suas obras: «Para o artista não existe maior estímulo do que o amor».

E a ninguém melhor do que a Schumann esta frase pode ser dedicada.

Com efeito, sem a grande paixão que ressentiu por Clara Wieck, a sua genial obra talvez não chegasse a ser tão bela e perfeita. Êsse amor contrariado pelo pai de Clara motivou, pelas lutas e desgostos intensos, uma repercussão profunda na sua alma, abrindo-lhe para a arte novos horisontes: o estilo tornou-se mais amplo, grandioso e humano. Êle próprio o confessa quando escreve a Henri Dorn:

> «...a minha obra contém mais de um éco dos combates que me tem custado o meu amor por Clara...»

E ainda numa carta a Clara:

> «a tua imagem aparece-me iluminando a escuridão da vida e ajudando-me a suportar as contrariedades. Teu pai talvez agora não retire a mão quando eu lhe fôr pedir a sua bênção. Tenho confiança. Sei há muito que o destino criou-nos um para o outro.»

Cartas maravilhosas para Clara, em que certas palavras se alongam como semi-breves; outras leves e sonhadoras, desenham motivos em colcheias.

Mas é sempre em acordes musicais que melhor exprime o nome querido: «*a Sonata em fá sustenido menor*, é o grito do meu coração que se eleva para ti, minha Clara. O tema do teu nome aparece constantemente».

Passam-se os anos. Com êles a oposição do velho Wieck. E o lírico romance de amor tem o seu feliz desfecho a 12 de Setembro de 1840, na pequena igreja duma sorridente aldeia, perto de Zwickau.

Clara, no seu «Jornal», escreve as impressões daquele dia em que vê realizados os seus mais íntimos desejos:

> «...Todos tinham uma expressão alegre. E o sol, que durante tanto tempo se conservara escondido, apareceu nessa manhã, para nos conduzir á igreja, espalhando sôbre nós a sua luz brilhante, como se quizesse também abençoar a nossa união. Nada vos veiu entristecer durante êsse dia que, neste caderno, aponto como o mais belo e importante da minha vida...»

Sentem-se completamente felizes. E Schumann começa a produzir a parte mais importante da sua obra, a imortal série dos «*Lieder*», compondo nêsse ano cento e trinta e oito melodias, entre elas a «*Vida e amor duma Mulher*», e os «*Amores do Poeta*» — em que a voz e o instrumento comentam em inspirados diálogos o poêma. E muitas vezes, a parte mais importante não é confiada ao cantor, como na conclusão dos «*Amores do Poeta*», em que Schumann, abandonando a voz, como se ela se tornasse incapaz de exprimir tôda a emoção que sente, deixa-se levar a uma apaixonada meditação no piano e que é, sem dúvida, o ponto culminante dessa obra-prima.

Mais uns anos se passam.

A loucura, depois a morte, separam Schumann de Clara.

Quarenta anos sobrevive ainda Clara, quarenta anos de devoção à sua Obra.

E assim findou o Amor e a Vida duma Mulher.

Maria Antonieta de Lima Cruz

RAPARIGAS DE ONTEM MULHERES DE SEMPRE

AS IMPERFEIÇÕES DE SOFIA

ESTAMOS lá longe, na Rússia, faltam apenas cinco meses para acabar o século dezoito.

E' o dia 19 do quente mês de Julho de 1799.

Em São Petersburgo nascia uma menina, a quem puzeram o nome de Sofia e que as crianças de todo o mundo viriam a conhecer, mais tarde, através dos livros que escreveu.

Era filha de altos personagens da Côrte do Czar. O Conde de Rostopchine, seu pai, descendia do célebre Gengis-Khan, que em plena Idade Média conquistou a China, o Turquestão e a Rússia Meridional, criando assim o primeiro império mongol; a mãe — Ana Stepanowa Protassow — era dama de honor da imperatriz Catarina.

O baptizado da pequena Sofia revestiu-se do maior brilho, pois o pai era Ministro, e o Czar Paulo 1.º ofereceu-se, êle próprio, para padrinho.

A infância de Sofia decorreu num dos muitíssimos e enormes domínios da família — o Castelo de Voronovo — no meio da mais deslumbrante riqueza. Só para os serviços domésticos viviam no Castelo mais de cem criados!

Apesar dessa multidão de servidores, Sofia não se entregava à preguiça.

Seus pais — embora ortodoxos — possuíam a noção da sua missão de educadores e Sofia tinha de vestir-se, pentear-se e arranjar-se sòzinha; assim como fazia a sua cama e arrumava o quarto.

Para adquirir vigor físico e desconhecer o mêdo, era obrigada a sair com todo o tempo. Ora na Rússia o inverno é compridíssimo. Todos os rios estão gelados. Nos campos só se vê neve. Faz tanto frio que os homens chegam a ter os dedos das mãos e dos pés gelados! As vezes até o nariz! Se alguém vê o nariz do vizinho ficar branco como a cal da parede, agarra num punhado de neve e apressa-se a esfregá-lo com ela, dizendo: «Tiozinho, olhe o seu nariz»!

O verão — em contrapartida — é quentíssimo e há muita poeira! Na primavera, com o degêlo, os rios transbordam, inundando os campos, que se transformam num mar de lama. O outono é breve. No entanto não se pense que Sofia levasse vida triste.

Era sàdia e alegre. Por vezes, muito endiabrada e difícil de aturar, pois tinha graves defeitos, dos quais se soube emendar, ela própria o afirma: — «era teimosa, tornou-se dócil; era gulosa, tornou-se sóbria; era mentirosa, tornou-se sincera; era ladra, tornou-se honesta; enfim, era má, tornou-se boa».

Esta transformação radical não foi obra dum dia; levou muitos meses, anos até! Para ela muito contribuíram dois factos importantes ocorridos na sua juventude, e nos quais, quer o pai, quer a mãe tiveram papel de relêvo.

No ano em que Sofia nascera, tinha ascendido ao poder, em França, um homem que revolucionou a Europa, duma ponta à outra. Era natural da ilha da Corsega e chamava-se Napoleão Bonaparte.

Grande chefe militar, sonhou dominar o mundo e dirigiu os seus exércitos nos sentidos mais opostos — com o fito de realizar tão grandes desejos.

Portugal não escapou, e o tempo das «invasões francesas» ainda anda na bôca do povo e ficará para sempre nas páginas da nossa história.

Em 1812 chegou a vez à Rússia.

Os franceses avançavam em direcção a Moscovo, de que era ao tempo governador o pai de Sofia. O Conde Rostopchine não hesitou um momento. Aconselhou o Czar a incendiar a cidade e tôdas as regiões circunvizinhas para impedir o avanço do inimigo.

Todos falaram do «génio terrível» do Conde, e no entanto êle era bom para os camponeses. Tal medida salvou a Rússia.

Queria muito à sua família. Dos seus oito filhos, já vira morrer três.

Sofia nunca esqueceu aquêle dia memorável em que o pai, tendo ordenado que tôda a família, criadagem e servos se retirassem para um ponto a trinta e seis léguas da cidade, se ajoelhou aos pés da espôsa e assim abençoou os que partiam.

Depois foi êsse incêndio gigantesco, que ela pôde presenciar a tão grande distância, e tôdas as noites, durante uma semana a fio! Quando, seis semanas mais tarde, regressaram a Moscovo, tudo estava reduzido a um brazeiro fumegante, só restavam de pé as paredes calcinadas dalguns palácios e igrejas!

Enquando ouvia maldizer a ambição do invasor, Sofia começou a antever até que excessos nos podem levar os nossos defeitos! E desejou emendar-se. O segundo facto é ainda mais extraordinário que o primeiro.

A Condessa Rostopchine e seu marido eram ortodoxos como a maioria da nobreza russa. Mas Ana Stepanoma não se contentava com meias verdades. O seu espírito e o seu coração pediam-lhe mais; e foi assim, que em 1806, após muito estudo e reflexão, se converteu ao catolicismo. A prudência, obrigou-a, porém, a guardar segrêdo perante a côrte.

Mas em 1814, o Czar Nicolau ordenou medidas severas contra os católicos.

A condessa Rostopchine, fingindo não entender, continuou a dirigir-se tôdas as manhãs à missa, na sua carruagem puxada por quatro cavalos brancos.

Os nobres, partidários do Czar, ameaçaram-na com a denúncia. Ana Stepanoma respondeu-lhes que com todo o gôsto lhes pouparia o trabalho e foi, em pessoa, acusar-se ao Czar; o que lhe causou tal admiração que êste permitiu o livre exercício da sua fé.

Sofia, já era então uma rapariguinha de catorze anos. Sempre tivera a maior veneração pela mãe. Sempre a tomara por modêlo, em tudo. Notou a diferença que se operara na vida da condessa. Tornara-se melhor, mais compassiva e esmoler. Certo dia, escutou-lhe as respostas luminosas aos ataques cerrados, mas sem fundamentos, que o bispo ortodoxo de Moscovo lhe dirigia. Sentiu o espírito abalado. Pediu que a instruíssem nessa religião, que já se lhe afigurava tão diferente da sua; e algum tempo depois, pedia o baptismo também.

Os seus defeitos, já os não detestava apenas, por causa das conseqüências más, apareciam-lhe agora como faltas de amor a Deus e ao próximo.

Emendou-se totalmente.

E quando, em 1817, acompanhou seus pais a Paris, estava outra.

A Sofia, que apareceu nos melhores salões da época, era uma rapariga simpática, afável e bondosa, que a todos conquistou com os encantos do seu espírito, cultura e qualidades de coração.

O neto do Cavaleiro de Aguesseau apaixonou-se por ela.

Sofia aceitou êsse amor, porque o jovem Conde Eugénio, embora não fôsse rico, possuía grandes dotes de carácter e lealdade.

O casamento realizou-se na Capela privada da residência do Cardial de La Luzerne, no dia 14 de Julho de 1819, e desde êsse dia, Sofia, que foi modêlo de mães e educadoras, passou a usar o nome de Madame de Ségur.

Viveu feliz, rodeada de filhos e netos para os quais escreveu os seus livros.

Quando morreu, aos setenta e cinco anos, deixou às crianças do mundo inteiro o seu exemplo, e essa colecção de obras, que ainda hoje encantam a grandes e pequenos.

A Condessa de Ségur contou num dos seus livros, «Os desastres de Sofia», cenas da sua própria infância. São dêsses livros as gravuras que publicamos.

Adriana Rodrigues

ABRIL

ABRIL *deriva do latim «aprilis», que significa abrir. Antigamente, o ano começava em Abril, abria neste mês. Embora a primavera comece em Março, Abril é essencialmente o mês primaveril.*

Os romanos tinham consagrado o mês de Abril a Vénus, a deusa da beleza, nascida na espuma duma onda do mar, Mãe dos Amores, dos Jogos, das Graças e dos Risos, a quem dedicavam o que de mais delicado e belo existe: a rosa, o cisne, a pomba, etc.

Para nós, católicos, Abril é um dos meses mais sagrados do ano porque, geralmente, cai em Abril a festa da Páscoa, a maior solenidade da Igreja e a mais alegre festa das almas.

Abril é o mês das aleluias, êsse cântico do Céu que se faz ouvir na terra; Abril é o mês em que as almas renascem, pela graça, para a vida divina.

Este ano, o domingo de Páscoa caiu no 1.° dia de Abril — o dia das «mentiras»...

Talvez não saiba a origem do «Poisson d'Avril».

E' uma antiga brincadeira, pois começou no século XVI, em França, e ainda hoje perdura, lá e noutros países.

Em Portugal, muitas pessoas se divertem a inventar mentiras nesse dia. Mas, é claro, só terão graça se forem absolutamente inofensivas. Seria de muito mau gôsto, e denotaria falta de delicadeza de sentimentos, assustar e afligir alguém com uma mentira desagradável. O «poisson d'Avril» só se admite se é uma «mentira» espirituosa e que não faz mal.

Recordo um 1.° de Abril em que um jornal publicou a notícia de que a estátua do Rossio estava tão inclinada como a Tôrre de Pisa!... Juntou-se uma multidão em volta da estátua, que já viam — o que é a imaginação! — assustadoramente inclinada!

Mas vamos à história. O «Poisson d'Avril» começou no ano em que o calendário mudou o princípio do ano de Abril para Janeiro.

Era costume, como ainda hoje é, no princípio do ano apresentar cumprimentos e dar presentes. Nesse ano da mudança, no dia 1 de Abril, por brincadeira, lembraram-se de dar presentes fingidos e de escrever cartas falsas.

E assim se iniciaram os «enganos» do 1.° de Abril.

Porque lhe chamam «poisson»?

Porque no mês de Abril o sol deixa o signo zodíaco dos «peixes».

COCCINELLE

A Canção de Bernadette

1 — Bernadette a caminho da gruta.

2 — Na gruta, depois duma Aparição.

3 — À porta do Vigário de Lourdes; o mandato da Senhora.

4 — Interrogatório, em casa do Vigário.

5 — Ameaças, pelas autoridades.

6 — À partida para o convento, o último olhar...

«A CANÇÃO DE BERNADETTE», que está neste momento a passar num cinema de Lisboa, foi tirada do romance de Franz Werfel, que por sua vez se inspirou na divina realidade das Aparições de Lourdes.

A Santa Igreja, com a sua simplicidade e concisão habituais, começa assim, nas lições do Breviário, a narrativa do facto maravilhoso: «*No quarto ano da definição do dogma da Imaculada Conceição, na cavidade dum rochedo da gruta de Massabielle, na margem do Gave que corre perto da cidade francesa de Lourdes, na Diocese de Tarbes, a Virgem Santíssima, por várias vezes, dignou-se aparecer a uma pobrezinha, mas inocente e piedosa criança, chamada Bernadette. A Imaculada apresentou-se com um aspecto jóvem e graciosíssimo; o seu vestido e o seu manto eram brancos e a faixa da cintura azul; uma rosa de oiro ornava os seus pés nus. No primeiro dia da aparição, a 11 de Fevereiro de 1858, Bernadette aprende d'Ela a fazer correcta e piedosamente o sinal da cruz; desenrolando um terço suspenso no seu braço, a Senhora animou-a com o seu exemplo à recitação do Santo rosário, o que repetiu nas outras aparições. No segundo dia, Bernadette, receando um artifício do demónio, lançou na simplicidade do seu coração água benta à Virgem; sorrindo docemente, a bemaventurada Virgem mostrou-se ainda mais graciosa. Na terceira aparição, Bernadette foi convidada a vir durante quinze dias à gruta. E desde então não cessaram, em sucessivos encontros: exortações a rezar pelos pecadores, a beijar a terra, a fazer penitência; depois ordenou à vidente que comunicasse aos sacerdotes o seu desejo de que ali fôsse construida uma capela e a ela se dirigissem em procissão. Além disso, mandou-a beber na fonte e lavar-se nela; e uma nascente, que ninguém jàmais tinha visto, brotou repentinamente da terra. No dia da festa da Anunciação, como Bernadette preguntasse com insistência o seu nome Àquela que tantas vezes se tinha dignado aparecer-lhe, a Virgem, erguendo as mãos postas e olhando o céu, respondeu:* Eu sou a Imaculada Conceição.

No entretanto, o ruído dos benefícios recebidos pelos fiéis na santa gruta espalhou-se e a devoção atraía lá cada vez maior número; de modo que o Bispo de Tarbes, já impressionado pela candura da menina, foi levado pela fama dos prodígios a abrir um inquérito jurídico sôbre estes acontecimentos. No quarto ano seguinte, deu o seu parecer que reconhecia o carácter sobrenatural da Aparição e permitia que se rendesse culto à Virgem Imaculada na citada gruta».

Em breve uma igreja foi construida, multidões de fiéis de todo o mundo acorrem a Loures e inúmeros doentes têm sido curados com a água ali milagrosamente aparecida.

É esta a história maravilhosa que «A canção de Bernadette» nos conta, pormenorizando a vida da vidente até à morte (Bernadette morreu religiosa na Congregação das Irmãs dos Pobres de Nevers e foi canonizada há poucos anos).

O filme demora-se, especialmente, nas contradições e perseguições que Bernadette sofreu até que todos se convencessem da veracidade das Aparições.

Jennifer Jones incarna bem a humilde rapariguinha de Lourdes a quem a Virgem apareceu. As suas expressões e atitudes são sinceras e simples — como seriam as de Bernadette: probrezinha e ignorante, mas simples e verdadeira, alma cândida sôbre a qual se inclina a Imaculada, transfigurando-a de beleza espiritual.

O filme abre com estas palavras: «Para os que têm fé, nenhuma explicação é necessária; para os que não acreditam, nenhuma explicação é possível».

Mas eu penso que, para algumas almas sem fé, êste filme poderá ser mais um milagre de Lourdes...

Como aquêle descrente e perseguidor que acaba por ajoelhar deante da gruta, talvez essas almas murmurem também, com humildade, ansiosas de luz e consolação:

— Bernadette, reza por mim!

BONDADE E PACIÊNCIA

BELEZAS DA ALMA REFLECTIDAS NO ROSTO

ALÉM da beleza física pròpriamente dita, há, como já dissemos, a beleza espiritual e moral cuja duração não é alterada nem pelo tempo, nem pela doença, e que a velhice muitas vezes aperfeiçoa e dignifica.

Se olharmos para trás na nossa vida seguramente recordaremos fisionomias que uma expressão tornou gratas à nossa memória, ao passo que se perdem confusos os belos rostos que vimos e esquecemos, porque dêles só vimos a face, sem alcançarmos a alma ou o coração.

Lindas caras esquecidas que contemplámos de passagem, que ficou de vós?...

Uma vaga lembrança de contornos imprecisos e nada mais...

E' que o que marca uma fisionomia e se grava na memória é mais a expressão que a forma, porque esta traduz a personalidade.

Os bons pintores sabem-no bem, e quando fixam na tela o rosto dos seus modelos e os retratam fielmente, procuram fixar também a parte mais recôndita: a alma, a personalidade e os sentimentos; na expressão dos olhos, na da bôca, no ar, no todo emfim.

Parece-me ser esta a parte mais difícil do retrato e aquela onde se reconhece o artista.

É com a sua sensibilidade e a sua perspicácia que êle adivinha, vê e sente o seu modêlo ou a personalidade da figura que a sua imaginação criou.

Não foi só a sua técnica em pintura e em desenho, nem a riqueza dos tons, nem a luminosidade dos seus quadros que imortalisaram Leonardo de Vince.

O que o celebrisou foi, sobretudo, a subtileza com que soube traduzir e fixar na tela a mentalidade, a personalidade, o génio, a raça e a alma das suas figuras.

Que maravilha a sua «La Gioconda»!

Que finura foi precisa ao artista para fixar êsse meio sorriso indefinido e misterioso, essa expressão enigmática e irónica, que fazem a beleza da obra e a sua vida!...

Os nossos olhos, quando admiram a «Mona Liza», não se demoram só na mulher retratada, mas na sua misteriosa personalidade.

Na «Adolorata», de Tasso Ferrato, vemos a dor resignada de Nossa Senhora.

No retrato de D. Catarina de Bragança, que foi rainha de Inglaterra, observamos a nobreza, a altivez e a majestade próprias de quem nasceu de tão alta estirpe e se manteve à altura dela.

S. Vicente de Paula, de Eduardo Malta, reflecte tôda a bondade de que a sua grande alma estava cheia e todo o amor do seu coração amantissimo!...

Porque afinal, a bondade não é mais que amor; e o amor, compreensão, renúncia, paciência, indulgência e dedicação.

Os novos que olham a vida com confiança são geralmente bons.

Parece fácil ser bom quando se é feliz, mas é difícil sê-lo quando a miséria, a doença ou o infortúnio nos perseguem.

Muito mais difícil é à juventude ser paciente. É esta altíssima virtude, sem a qual não pode haver verdadeira caridade, porque ela é a caridade na sua forma mais custosa e difícil, que dá à bondade o seu cunho de perfeição. Por isso uma rapariga paciente e bondosa tem inconscientemente na fisionomia uma doçura especial que atenua as irregularidades dos seus traços e a embeleza.

Essa beleza vinda do coração não se deforma com o tempo e a velhice. A indigência ou a doença não a alteram.

A êste propósito veiu-me à memória uma mendiga que conheci em tempos; a Amélia.

A história da Amélia é uma história triste; mas eu conto-a porque me tem feito muito bem o seu exemplo, e porque nunca vi ninguém assim miserável, tão resignado e paciente.

O que marcava no rosto dela, era a expressão bondosa e resignada de uma infinita doçura... Os cabelos eram castanhos apanhados por um lenço desbotado, e os olhos, muito escuros, eram meigos e tristes. Sorria constantemente aos pequenitos que pareciam felizes e alegres à volta dela. Andava o mais asseada que podia, e os filhos, penteados e lavados. Lembro-me que de uma vez as tranças das pequenitas estavam cuidadosamente atadas com velhas fitas encarnadas que naquela miséria resplandeciam luxuosamente!

Nunca lhe ouvi uma palavra de revolta ou de zanga; nem mesmo quando o marido a abandonou. Perdoou-lhe naturalmente e sem custo.

Apareceu, uma tarde, em Sintra, ao portão de nossa casa, rodeada de garotos saltitantes e alegres. Tinha, então, trinta anos, mas estava tão gasta e cansada que dificilmente se lhe poderiam dar quarenta. Embalava, nos braços, com carinho, o último filho. Envolvia-a um chaile de côr incerta, onde as garotas mais novas se penduravam e escondiam. Mal se lhe desenhava o corpo magro e esguio.

Desde o dia em que ela veio, minha mãe passou a ajudá-la, tanto quanto poude, mas a miséria em que a Amélia se debatia era como um abismo aberto, onde as esmolas, por maiores que fôssem, desapareciam sem deixar rasto.

Um dia a Amélia ficou só com as filhas; o marido «abalou», como ela dizia sem zanga.

Abalou para Lisboa onde tinha trabalho, mas ao cabo de alguns meses deixou de mandar dinheiro. Esqueceu-a, e abandonou-a. A Amélia ficou só com as sete filhas e a doença a miná-la.

D. Catarina de Bragança

Gioconda

Apareceu-nos, em Lisboa, com um filhito muito doente, para que minha mãe a ajudasse. Internou-se o pequeno e minha mãe passou a mandá-la vir, muito amiude, para ver o pequenito, coisa a que ela não faltava, fizesse o tempo que fizesse. Um dia, o médico disse-nos que o pequeno não tinha cura e que pouco duraria, e ela levou-o para que acabasse nos seus braços.

Estou a vê-la quando levou o pequeno embrulhado no chaile que lhe déramos; com a carita muito rosada de febre e as farripas loiras sôbre a testa. Ela, coitada! Terna, tôda carinho e amor, com o filhito moribundo, a sorrir-lhe...

Estava linda!...

Tôda a sua beleza provinha da sua alma maternal, reflectida no seu rosto e nos seus gestos, e do seu grande coração humilde e bom!

Pouco tempo mais viveu, e com ela morreram mais dois filhos.

Parece que Deus lhe fez essa graça, pois ela costumava dizer, quando sentia a morte a rondar: «Quando uma mãe vai para o Céu leva os filhos que ficam atravessados no peito!... Não pode ter descanso na eternidade, porque os deixa sós... Se ao menos Deus permitisse que os mais pequenitos fôssem comigo!... Os outros já se criavam bem!...»

Aqui está a história da Amélia.

Se eu fôsse um grande pintor tinha-a retratado para personificar a bondade e a paciência, ou talvez pintasse o seu rosto, para a imagem de Nossa Senhora das Dores.

Maria Benedita

S. Vicente de Paulo

Alto está!
Foto: ARTUR ARAÚJO

SINOS

Sino «vestido» para a bênção

A Páscoa é a festa das *Aleluias*; é, por conseguinte, como escreveu alguém, "*a festa dos sinos*, pássaros que cantam lá em cima, nas suas gaiolas de pedra".

E como a Páscoa é a festa dos sinos, lembrei-me de vos dizer alguma coisa, estamos no tempo pascal, sôbre a sua história e a cerimónia tão interessante da sua bênção.

Os sinos são muito antigos. Desde tempos remotos foram usados na Índia e na China e supõe-se que os Gregos e os Romanos já os conheciam.

Atribue-se ao Papa S. Gregório, que viveu no século VI, o costume de anunciar os ofícios religiosos por meio dos sinos.

De princípio, os sinos eram pequenos; depois foram aumentando de tamanho até aos sinos enormes de algumas catedrais.

Os sinos são fabricados em bronze e o seu *tom* varia segundo as suas dimensões e o modo de os fundir.

Contou-me uma senhora, habituada ao *tom* do sino da Misericórdia de Cascais, que, encontrando-se uma vez em Londres, julgou sonhar ao ouvir de manhã, numa igreja próxima do hotel em que estava hospedada, *tocar o sino de Cascais!*

Não havia dúvidas! Era exactamente o seu *tom* tão característico. Informou-se, e veio a saber que o sino português e aquêle sino inglês tinham sido fundidos na mesma fábrica e eram irmãos. Por isso o seu *tom* era idêntico.

Antigamente, os sinos — que substituiram as trombetas de prata do Antigo Testamento — eram reservados exclusivamente para o culto divino. Ainda hoje são objectos sagrados que a Igreja rodeia de veneração.

A bênção dos sinos lembra o baptismo. O sino recebe um nome e tem padrinhos. É até costume revestir o sino que se vai benzer (e que para êste fim se encontra dentro do templo, suspenso numa armação de madeira, a pequena altura, para ser possível tocar-lhe) de um "vestido" mais ou menos rico e enfeitado. O "vestido" do sino, cuja fotografia publicamos, é de tule e sêda, com grinaldas de verdura e flôres brancas.

Quando a bênção do sino é solene, em geral é feita pelo Bispo, mas êste pode delegar num simples Padre.

A cerimónia inicia-se com a recitação de vários salmos e orações.

Em seguida, depois de benzidos o sal e a água, tira-se o "vestido" ao sino para êste ser lavado com a água benta.

Enquanto o sino é lavado por dentro e por fora, o oficiante reza de novo vários salmos, escolhidos entre aquêles que especialmente cantam louvores a Deus.

Depois, ainda à semelhança do que se faz no baptismo, o oficiante traça com o Óleo santo uma cruz no sino. E mais uma vez pede que quando "o som harmonioso daquele sino se fizer ouvir ao povo, aumente no seu coração a devoção e a fé... E que êsse sino afaste as tempestades, e perserve dos raios, e tempere a violência dos ventos... Que tôdas as potências do mal fujam diante do sinal da cruz traçado sôbre êle!"

Terminada esta oração, o sino é novamente ungido por sete vezes com o óleo santo para que o Senhor se digne *santificá-lo* e *consagrá-lo*, unções que são feitas em nome do Pai, do Filho e do Espírito Santo e em honra de determinado santo, cujo nome está gravado no sino.

O sino é também incensado e novamente se pede que "o seu som chame os fiéis à casa de Deus, que a sua virtude fortifique as almas na graça divina, que semelhante à lira de David, êle atraia o Espírito Santo pela doçura da sua harmonia... E que enquanto a sua voz sobe para o Céu, a protecção dos Anjos desça sôbre a Igreja e sôbre o corpo e a alma de todos os que crêem no Senhor."

Finda esta oração, o oficiante lê a passagem do Evangelho que narra a visita de Jesus a casa de Marta e de Maria, e dirige-se ao sino, que faz ressoar por três vezes, batendo-lhe com o badalo.

A madrinha e o padrinho são convidados também a tocar o sino.

Não é verdade que é interessante a bênção dos sinos?

Todos os sinos são benzidos de igual modo e todos têm a mesma missão: chamar-nos à casa de Deus e recordar-nos o nosso destino eterno.

Devemos amar os sinos e ter uma especial ternura pelo sino da nossa igreja.

Foi êle que tocou no nosso baptismo, anunciando que havia mais um filho de Deus — e as suas notas alegres ecoaram no Céu!

Foi êle que festejou jubilosamente o dia da nossa comunhão solene — e, ouvindo-o, os Anjos desceram para nos acompanhar...

É êle que toca nos casamentos — e o seu canto é tão lindo que parece que o sino se engana e toca para alguma santa descida do altar!

É êle ainda que chora connosco os nossos mortos — mas os seus dobres tristes têm sempre uma nota de esperança, dizem-nos que havemos de encontrar na eternidade aquêles que partiram!

E, quando acabar a guerra, serão os sinos de todo o mundo que hão-de anunciar a paz!

Escuta a voz dos sinos!

Tôdas as manhãs, como pássaros que despertam nas suas gaiolas de pedra, êles cantam "Avé Marias". Saúda com êles a Virgem Santíssima!

E ao subir o sacerdote ao altar, êles são os sacristães das ruas: — "Vem até ao altar de Deus, até Deus que é a alegria da tua juventude!" — dizem-nos.

Não feches os ouvidos à voz dos sinos!

É a voz de Deus a falar ao teu coração!

. . . .

Páscoa, festa dos sinos!

O Senhor ressuscitou! Aleluia! Aleluia! Aleluia!

Maria Joana Mendes Leal

Amanhecer
Foto: VASCO F. G. DA SILVA

NOTÍCIAS DA M.P.F.

NOMEAÇÕES DE DIRIGENTES DA M. P. F.

1.º — em substituïção da Senhora D. Maria do C. Tôrres Soutinho, que deixou de prestar serviço na M. P. F. por ter atingido o limite da idade como professora oficial, foi nomeada Directora do Centro n.º 9 a Senhora D. Elisa Cèlia Mendes;

2.º — em substituïção da Senhora D. Marcelina Fernandes Cadilho, que deixou de prestar serviço na M. P. F. por ter sido transferida para outra região, foi nomeada Directora do Centro n.º 3 na Póvoa de Varzim, a Senhora D. Noémia Fernandes Remédios;

3.º — em substituïção da Senhora D. Lídia Jorge de Mesquita, que deixou de residir em Coimbra, foi nomeada Directora do Centro N.º 15 em Coimbra, a Senhora D. Maria Juliana Barrôco;

4.º — em substituïção da Senhora D. Maria José Andrade Martins, que pediu a demissão do seu cargo, foi nomeada Directora do Centro n.º 13 em Coimbra, a Senhora D. Júlia Coelho de Lemos;

5.º — a Directora do Centro n.º 84, em Lisboa, é a Senhora D. Amélia Augusta Maia Pereira, e não Amélia Augusta Maia *Ferreira* como por lapso nos tinha sido comunicado pela respectiva Delegacia;

6.º — por motivo de fôrça maior deixou de exercer o cargo de Directora Adjunta do Centro n.º 11 em Lisboa, a Senhora D. Fernanda Guedes Tapadinhas;

7.º — em substituïção da Senhora D. Custódia Albino Pacheco, foi nomeada Directora do Centro n.º 2 em Moura, a Senhora D. Leonor Varregoso;

8.º — em substituïção da Senhora D. Eulália da Conceição Freitas, foi nomeada Directora do Centro n.º 1 no Funchal, a Senhora D. Maria do Céu Vieira;

9.º — em substituïção da Senhora D. Maria Margarida Morais, foi nomeada Instrutora de Trabalhos Manuais do Curso de Dirigentes dos Centros primários, em Braga, a Senhora D. Ilda de Jesus Bernardo.

BRAGANÇA

Bragança

Realizou-se nesta sub-Delegacia uma «Embaixada da Alegria e da Bondade». Era nossa intenção fazer um pequeno acto de variedades, mas como na única enfermaria que há de mulheres estavam duas em perigo de vida, apenas se pôde fazer uma pequena palestra, tendo as filiadas oferecido às doentes guloseimas e um par de meias a cada uma.

A sub-Delegada Regional

FIGUEIRA DA FOZ

Pelas três horas da tarde do dia 8 de Janeiro, no Hospital da Santa Casa da Misericórdia, desta cidade, efectuou-se uma pequena festa organizada pelas filiadas da Mocidade Portuguesa Feminina — alunas da Escola de Santo António, Centro n.º 6 — em «Embaixada da Alegria e da Bondade», junto dos pobres.

Foi improvisado um palco numa sala que dá acesso às enfermarias e transportadas, para a citada sala, as camas dos doentinhos, e ali, numa atmosfera de carinho e alegria, deu-se inicio ao seguinte programa:

A maior riqueza — comédia em 1 acto; *Auto do Natal* — de Clotilde Mateus; *Recitativos vários; Fantasia — Dança — Prima Carezza.*

Não se cansaram os doentes de aplaudir as raparigas que se retiraram satisfeitas por terem proporcionado aos infelizes umas horas de alegria e esquecimento da sua desdita.

Os números de música foram executados em «harmonium» por um petiz de sete anos, irmão de uma filiada.

FUNCHAL

Dentro do programa das Festas do Natal, o Centro n.º 1, «Liceu de Jaime Moniz», realizou uma festa, cuja 1.ª parte foi integrada nas «Embaixadas da Alegria e da Bondade».

Para a sua abertura, uma das nossas filiadas fez uma pequenina alocução, explicando o objectivo das «Embaixadas da Alegria e da Bondade», seguindo-se a representação dum número de variedades, uma comédia, e, finalmente, quadros infantis com figuras alegóricas do Natal. Assistiram a esta festa as crianças pobres do Funchal que se encontram asiladas em casas de caridade. Escusado será dizer a alegria que animou todos os petizes que, ainda no intervalo da Festa, receberam rebuçados carinhosamente distribuidos pelas nossas filiadas.

Presidiu o nosso Ex.mo Reitor que deu todo o seu apoio moral.

A 2.ª parte da festa, efectuada no dia seguinte, constou da distribuïção de roupas e berços a familias mais necessitadas da cidade, comemorando-se também desta forma a «Semana da Mãe».

A Directora do Centro n.º 1
Eulália da Conceição Freitas

— As filiadas do Centro n.º 2, Escola Industrial de António Augusto de Aguiar, realizaram uma «Embaixada da Alegria e da Bondade», tendo distribuido também nessa ocasião vestuário e uma merenda às crianças.

GUIMARÃES

A ala desta cidade celebrou o «Dia da Mãe» com o programa indicado pelas estâncias superiores. Realizou-se, de manhã, uma missa por tôdas as mães portuguesas, e, de tarde, numa sessão que teve lugar no Gimnásio do «Liceu de Martins Sarmento», procedeu-se à distribuïção de onze berços e respectivos enxovais e mais vinte peças de roupa de criança, tendo falado sôbre o significado da festa, com grande brilho e sentimento, o Rev.º Sr. P.e Avelino Borda, professor de moral do mesmo Liceu.

A sub-Delegada regional
Albina Iracema de Quadros Flores

Guimarães, exposição de berços e enxovais

VISEU

O Centro n.º 1 desta ala contribuiu para a «Embaixada da Alegria e da Bondade» visitando, no dia 17 de Dezembro do ano transacto, a enfermaria das crianças do Hospital e a Creche desta cidade, levando brinquedos e bolos para essas criancinhas.

O entusiasmo e o interêsse das filiadas que as contemplaram foram intensos. Muitas trouxeram brinquedos seus, que juntámos aos que comprámos; bolos, tinhamos mandado fazer cinco quilos (de duas qualidades) que foram integralmentes distribuidos pelas próprias filiadas que muito se entretiveram com as criancinhas, sobretudo com as da Creche.

E, como os mais anos, as filiadas fizeram muitas roupas para os pobrezinhos — 140 peças — sendo a maior parte para crianças de quatro, seis, oito e dez anos, porque nem só as recem-nascidas têm frio...

A Directora do Centro n.º 1
Celeste Guedes

DONATIVOS

O Ex.mo Sr. Presidente do Grémio dos Vinicultores de Mesão Frio, Douro, dignou-se oferecer ao Centro n.º 4 da Mocidade Portuguesa Feminina da sub-Delegacia de Vila Real a quantia de 500$00 — quinhentos escudos.

O Ex.mo Sr. Presidente da Casa do Douro, Dr. António Azevedo Coutinho Lobo Alves, dignou-se oferecer o donativo de 2.000$00 — dois mil escudos — à M. P. F. desta divisão. É seu desejo que esta importância seja distribuida dentro da zona demarcada do Vinho do Pôrto. Ficará, assim, excluida Bragança.

O Ex.mo Sr. Presidente da Câmara Municipal de Tavira, dignou-se conceder o subsidio anual de 600$00 à Mocidade Portuguesa Feminina desta cidade.

Pôrto — Centro n.º 24

PORTO

Na Escola Comercial de Oliveira Martins, as filiadas do Centro n.º 24 procuram pôr em prática um dos lemas da M. P. F.: serem raparigas úteis.

Organizadas em grupos, realizaram no último ano lectivo um curso de culinária e prepararam práticos, saborosos e económicos almoços, que não deixavam de ter sempre a sua sobremesa. No dia em que fizeram a inauguração oficial, o turno era só de fardadas. Entre os seus convidados, encontrava-se o director adjunto do Centro n.º 20, Sr. Dr. Marques da Silva, que lhes falou entusiàsticamente, lembrando-lhes a sua missão na sociedade. Foi nesse mesmo dia que elas tiveram o prazer de dar uns modestos enxovais, acompanhados de brinquedos e figos, a várias crianças pobres que contemplavam o presépio, recortado das «Lusitas», junto de uma pequena árvore do Natal.

Antes disto, já tinham preparado o berço para oferecer à O. M. E. N.

Estudaram os cursos de chefes de quina, chefes de castelo e chefes de grupo, e cotizaram-se para a compra de dois guiões. Freqüentaram um curso de corte, organizado no centro, chegando a confeccionar alguns vestidos. Colaboraram na Exposição do VII Salão de Estética, tendo obtido o 2.º prémio um trabalho feito por duas alunas: uma encarregou-se da parte literária — um soneto dedicado à M. P. F.; outra, da parte prática — a dactilografia aplicada artisticamente.

Tudo isto, e ainda as distribuïções de emblemas, compras de Boletins e Lusitas, representações oficiais e as outras actividades comuns a todos os Centros, manteve as filiadas numa actividade sàdia e feliz, que terminou pela sua ida para a colónia de férias.

Pôrto — Centro n.º 24

PRÉMIO

Tendo a Delegacia Provincial do C. N. da M. P. F. na Estremadura, resolvido conceder um prémio pecuniário de 40$00 à filiada que apresentasse melhor trabalho sôbre o relato da festa, levada a efeito no dia 1.º de Dezembro, no Liceu Maria Amália Vaz de Carvalho, para a imposição de insígnias às alunas da Escola de Graduadas dos anos de 1943 e 1944 e distribuïção de prémios às concorrentes aos "Jogos Florais" realizados pela M. P. F. no ano lectivo de 1943-44, coube êsse prémio ao trabalho subscrito com o pseudónimo de "Cruzeiro do Sul", pertencente à graduada — chefe de falange — Maria Estrêla Portilheiro Monteiro, que veio publicado no Boletim.

LISBOA

Realizou-se no dia 30 de Janeiro no Centro n.º 1 Liceu Maria Amália Vaz de Carvalho, uma conferência a propósito da Semana das Missões.

Presidiram à sessão a Ex.ma D. Alice Guardiola, Digníssima Delegada Provincial da Estremadura, e a Ex.ma Sr.ª D. Alice Andrade, Directora do Centro.

Após o Hino da Mocidade, a Ex.ma Sr.ª D. Alice Andrade fez a apresentação da ilustre conferente, Ex.ma Sr.ª D. Teresa Navarro — professora de moral do Liceu e Directora do Centro Universitário de Lisboa.

Aproveito, com o apoio das minhas condiscípulas, o ensejo de levar ao conhecimento de tôdas as raparigas portuguesas o nome desta tão querida professora, cuja vida é um exemplo de abnegação e sacrifício.

A conferência versou sôbre S. João Bosco, que se dedicou inteiramente à juventude.

Finda esta, que decorreu com brilhantismo, foi alvo de uma calorosa e bem merecida ovação aquela bondosa senhora. Foram-lhe oferecidos numerosos ramos de flôres e várias lembranças, o que muito a sensibilizou.

Acompanhámo-la até à saída do Liceu.

E havia lágrimas nos olhos de tôdas nós quando o carro em que seguia rodeado de flôres, se perdeu lá ao longe, no labirinto das ruas...

Uma Filiada

GRAVURAS INGLESAS

«O rapaz azul»
Quadro de Gainsborough, gravado por E. E. Milner

«O rapaz encarnado»
Quadro de Lawrence, gravado por E. E. Milner

REALIZOU-SE em Março, no Instituto Britânico, uma exposição de gravuras a Mezzotinto, por artistas ingleses contemporâneos. Consistia de quarenta e tantos exemplares de reproduções de quadros de pintores célebres, tais como Gainsborough, Reynolds, Lawrence, Reyburn, etc. (todos ingleses). Encantaram-nos! A finura do traço, a delicadeza da côr e a beleza do assunto escolhido, tornavam o conjunto das gravuras expostas verdadeiramente excepcional.

Foi com a maior pena que vimos chegar ao fim os dias em que a Exposição se conservava aberta. Só nos consolaria a idéia de ficarmos com algumas... e de irmos assim gozando, pela vida fora, das suas raras perfeições.

...

O processo de gravar a Mezzotinto deve-se ao artista-amador, ao serviço do Landgrave de Hesse, Ludwige von Siegen (1643).

O sistema usado, que era um aperfeiçoamento dos trabalhos de Júlio de Campagnola e Janus Lutman, baseava-se no emprêgo da "roulette", trabalhando directamente sôbre cobre.

O processo foi introduzido em Inglaterra pelo príncipe Rupert, sobrinho de Carlos I. Êste método foi de novo aperfeiçoado por Vaillant, assistente do príncipe.

Os primeiros mezzotintos ingleses devem ser os retratos de Carlos II e o da sua Raínha, a nossa princesa D. Catarina de Bragança.

A técnica foi-se tornando mais perfeita, passando os assuntos a ser representados por meio de tons de intensidade variável. As chapas de cobre eram riscadas em todos os sentidos, conseguindo-se, por meio do desbaste das rebarbas, os tons mais claros ou mais escuros.

As côres eram aplicadas delicadamente com tinta pouco fluída, por meio de bonecas e tinham de se aplicar de novo, cada vez que era tirada uma prova. (Como ainda agora).

Deve-se a J. M'ardell a possibilidade de obter efeitos mais finos que se revelam nas reproduções dos quadros de Reynolds, cuja técnica se prestava muito à reprodução em Mezzotinto. A aplicação de côres foi feita inicialmente para dissimular imperfeições de trabalho, mas hoje, evidentemente, já não tem êsse fim.

Os artistas do Reino Unido procuraram sempre desenvolver êste processo de gravar, que era conhecido em França como sendo "la manière anglaise".

Na verdade quási que só êles têm continuado a empregá-lo, e sempre com sucesso. — No entanto sofreu um período de decadência nos meados do século XIX.

Mas em 1880 a introdução de chapas de aço na arte de gravar, veio dar um novo impulso ao Mezzotinto, que nem sequer os processos modernos de fotogravura conseguiram destronar.

É que em boa verdade a gravura a Mezzotinto permite a reprodução das tonalidades com uma delicadeza e uma perfeição difícil de igualar.

Francisca de Assis

TRABALHOS DE MÃOS

QUE coisa tão prática os aventais!

Que bem que ficam! E como são femininos!!... Agora estão à moda, e então aproveitemos uma moda que tanto favorece as raparigas e tanta graça lhes dá.

Alguns são quási bibes... E que bom para aproveitar vestidos usados, curtos ou apertados! São de algodão. Lavam-se, engomam-se, e pronto! Que frescura!!! Dão um ar tão intimo... tão caseiro... «tão pregadinho»...

Vamos já fazer um, para recebermos as nossas amigas, á hora do chá.

M. B.

COISAS PRATICAS

PARA conservar peles durante o verão: — bata-as com uma varinha, guarde-as numa gaveta sôbre um pano limpo e salpique-as com bastante ácido Bórico (de maneira que entre bem dentro do pêlo). Embrulhe bem o pano para que fique hermèticamente fechado. Salpique por cima com ácido Bórico.

Pode ficar descansada até ao próximo ano.

Para conservar tomate

PEGUE nos tomates maduros e depois de lavados e escorridos, com uma faca, dê-lhe uma boa massagem para que larguem a pele. Esta massagem faz-se raspando a pele com a faca em todos os sentidos. Verá que o tomate larga a pele melhor do que se fôsse escaldado. Depois de pelados, abra-os ao meio, e com os dedos tire-lhes as pevides e ponha-os a escorrer. Meça por cada kilo um grama de «Ácido Salicilico» e misture-o à pôlpa.

Com a ajuda dos dedos encha as garrafas (bem limpas) até ao gargalo; acabe de encher pondo 2 dedos de azeite no gargalo. Rolhe com rôlhas novas já fervidas e que deve conservar em água bem quente para que estejam moles. Bem rolhadas as garrafas, ata-se-lhes um cordel em roda do gargalo e por cima da rôlha para impedir esta de saltar. Esta conserva dura 3 e 4 anos sem perigo de se estragar.

Das pevides e sumo faz-se sopa de tomate tendo cuidado de não pôr demasiado tomate para não tornar a sopa ácida.

Sopas de tomate

ÁGUA, sal, pimenta e tomate. Junta-se isto a um refogado de cebola com azeite. Ferve bem e deita-se-lhe fatias de pão branco (cortadas finas e depois aos bocados). Ferve bem o pão e na altura de servir escalfam-se-lhe uns ovos, sendo o vulgar 1 por pessoa.

O refogado é de cebola às rodas e apénas loiro.

Créme de tomate

TOMATE ou sumo dêste; água, sal, pimenta, salsa, e bastante cebola aos quartos. 1 colher de manteiga. Ferve muito bem para a cebola ficar muito bem cozida, e passa-se por um passador fino esmagando a cebola. Ficando pouco densa engrossa-se ligeiramente com um pouco de farinha de batata ou maisena.

Ao servir deita-se-lhe um ou mais ovos cozidos, (conforme a quantidade), cortados às rodas finas que devem ficar a boiar o que dá lindo efeito nos pratos.

SABEIS POR ACASO

QUE o *«Macadam»* êsse processo de fazer estradas que o asfalto veio destronar deve o seu nome ao engenheiro escocês Mac Adam que foi quem mais ou menos em 1820 inventou o sistema de empedramento das estradas em aglomerado?

QUE o que em culinária se chama um *«bechamel»* e é êsse môlho (branco na maioria dos casos) aveludado e saboroso que muitas vezes leva nata, fez a imortalidade do financeiro Louis Bechameil, ou Bechamel, que, feito mordomo de Luiz VIX o inventou para a mesa do seu rei?

QUE uma *«sandwich»*, essa delicia que costumamos levar para a nossa merenda e para os nossos almoços no campo, deve o seu nome ao Lord Sandwich que era ferrenho jogador e para não abandonar a mesa do jôgo mandava vir um pedaço de carne entre duas fatias de pão?

QUE o «Bug Jargal» romance de Vitor Hugo, foi a sua primeira obra literária. Que a escreveu aos 16 anos mais ou menos, e em 15 dias para ganhar uma aposta; e que a ganhou?

QUE nos Balcãs havia antes desta guerra mais de 4.000 pessoas com 100 anos ou mais?

QUE os cabelos não podem tornar-se brancos numa só noite? (felizmente)!

QUE madame Curie nasceu em Varsóvia na Polónia?

QUE algumas borboletas possuem 17.000 facetas em cada ôlho?

QUE houve 3 Cleopatras, tôdas três rainhas (do Épiro, da Siria e do Egipto). Uma foi sentenciada à morte, outra foi envenenada e a última e mais célebre matou-se deixando-se morder por uma vibora.

QUE o leite é o alimento mais completo que há, e que perde as vitaminas se fôr fervido destapado?

MAXIMAS

A maneira de abrir o coração dos outros é abrindo primeiro o nosso.

*

Uma senhora de um Estado do Sul da América, fez-me notar que a alegria é uma das mais seguras marcas da aristocracia; e que é uma regra (não escrita) da delicadeza francesa de que é uma falta de maneiras uma cara triste.

(Richard Le Gallieme)

*

Deve-se saber sofrer sem fazer sofrer os outros.

PARA LER AO SERÃO

por MARIA PAULA DE AZEVEDO

Desenhos de GUIDA OTTOLINI

— A novidade que lhes trago é uma receita de cozinha...

CHÁ DA COSTURA

VENHO envergonhadissima, fiquem sabendo — declarou Rita, naquela tarde.

— Porquê? — perguntaram muitas vozes.

— Por uma razão muito simples — respondeu Rita, desconsolada — como *menina do dia* sò trago... uma receita de cozinha.

Clara animou-a, risonha.

— Mas, Rita, se a receita fôr uma novidade, fôr boa e fôr prática, é óptimo.

— Em geral não é de culinària que tratam estas nossas reüniões — tornou Rita, — mas por mais voltas que eu desse à cabeça, não tive idèias nenhumas que pudessem interessar.

— É claro que esta coisa de *menina do dia* não é para que se trabalhe menos, — disse Clara — e lembrem-se de que antes do verão temos de ter muita coisa pronta, muitos enxovais feitos, muita obra que se veja...

— E antes da Rita mostrar a sua eloqüência não seria bom tirar-se a sorte da próxima *menina do dia*? — lembrou Joana.

— Talvez sejas tu, Joana — disse Alice.

— Já tenho os papelinhos preparados de antemão, não sei se sabem — informou Maria José, levantando-se para ir buscar uma caixa quadrada, que abriu.

— Toca a tirar a sorte! — exclamou Joana, com entusiasmo.

— É a Clara! é a Clara! — gritaram.

— Dei lenha para me queimar. — comentou Clara, enquanto falava e cosia. Depois disse:

— Anda, Rita, expõe lá a tua novidade.

Rita levantou-se e começou:

— Bem sei que há agora poucas batatas, embora seja o tempo delas. Bem sei que, em vista disso, poucas receitas se fazem com elas; e é uma pena. Mas...

— Que batateira que é a Rita! — interrompeu Joana.

— Vê lá não troques o *a* por um *o*; não me agrada isso, — continuou Rita, a rir. — Pois a novidade que lhes trago (será novidade?) chama-se:

Batatas fôfas

Cozem-se as batatas grandes com a sua casca. Põe-se uma fregideira funda com azeite (ou gordura) a ferver sôbre o lume. Descascam-se duas batatas (deixando as outras ainda na água da cozedura), cortam-se, em rodas bastante grossas, e deitam-se na fritura. Depois recomeça-se com o resto das batatas, e vão se tirando, depois de loiras, com a espumadeira, já se vê.

— Devem ser bem boas — aprovou Clara.

— Se se acompanhar com um bom prato de legumes, ou de arroz de manteiga, ou de ervilhas, já não é nada mau para êstes tempos de guerra — concluiu Rita.

— Um bravo à *menina do dia*! — aplaudiu a impetuosa Joana.

MARIA RITA SOLTEIRA

XI

O casamento do Gonçalo foi bem comovedor, na igreja pequenina de Monserrate, perto da casa dos Tios. Nunca vi noiva tão grave na sua felicidade! Para a Juca, o casamento é um dos mais importantes Sacramentos da religião católica; e as palavras liturgicas foram ouvidas por ela com uma intensidade de expressão que eu nunca vi numa noiva!

Ia linda, a querida Juca! e a prima Serafina, que era a madrinha, deu aos noivos uma prenda principesca: uma quintasinha encantadora, perto de Sacavem, aonde foram passar a lua de mel.

E dentro de quatro meses... casamos nós, o António e eu! Mas não partimos tão cêdo para Angola: o Antònio deixou tudo preparado para poder ficar um ano em Portugal.

....

Como eu me sinto feliz no meu noivado... Não me canço de agradecer a Deus a minha enorme ventura em ter conhecido o Antônio! Sinto que êle é bem superior a mim: não o mereço, é certo...

— A menina é um alho, todos sabem isso — observòu ontem o Xana, muito a sério — mas olhe que se pode gabar que teve uma sorte bestial em agradar ao Antônio!

A Luizinha abespinhou-se tôda, apezar da sua ternura pelo meu noivo.

— Bestial! — gritou, indignada — A Mirri é digna de um principe, Xana! de um rei, até! — acrescentou com fôrça.

— Não há principes nem reis que casem com meninas da sociedade — disse o Nuno — E o Antònio vale mais do que mil principes! — Esta explosão obrigou-me a pegar-lhe na cabeça e beijar-lhe as bochechas com ternura. O Xana tornou:

— Tudo isso é muito bonito; mas o que eu sei é que... se há meninas adoráveis como a nossa Mirri, não há muitos rapazes como o Antònio, que é, simplesmente, estupendo em tudo! — E ninguém discordou da opinião do Alexandre.

A primeira vez que nos convidaram, oficialmente, como noivos, foi para casa dos Tios, onde também jantavam a Juca e o Gonçalo.

Eu ando meio estonteada, como se vivesse num mundo diferente... Mas isso não impede que trate de arranjar milhentas coisas para a nossa casa futura: almofadas, centros, cortinas, panos variados e modernos. E o meu Antònio por tudo isso se interessa também, o que é para mim o melhor dos estimulos, e me dá uma atividade estupenda.

No jantar dos Tios, quando, à sobremeza, o Pai ergueu o seu cálice de Pôrto para beber à saúde dos noivos (os recém-casados e nós) tinham todos, eu bem senti, um nó na garganta... O querido Pai, com os olhos húmidos, disse coisas comovedoras quando me envolveu num olhar de ternura! E acabou, simplesmente, com estas palavras:

— Minha filha, entrego a tua vida a um homem leal e bom: e confio em ti, para que saibas estimá-lo como êle merece, fazendo da vossa existência um manancial de alegrias...

Todos beberam num silêncio comovido. Também fômos, semanas depois, a um grande baile na Embaixada de Espanha, acompanhados pelos Pais ambos. Eu sempre gostei imenso de dançar; mas até aqui desconhecia êsse prazer requintado que é: dançar com um noivo que se adora ...e que dança lindamente!

Êsse sentimento de prazer transparecia decerto na minha cara! pois ouvi comentários, durante uma valsa de cadência suave tocada pela orquestra.

— O Antònio Cabral e a Maria Rita são um par ideal...

— Ali é que há romance a valer, não lhe parece?

— Aquêles dois a dançar são estupendos...

— Não há direito de não ligar nenhuma ao resto do mundo!

E por aqui fora, à nossa passagem, surgiam as observação várias, que muito me faziam rir e pensar...

....

— Não se sei sabes, Maria Rita — disse a Mãe, numa bela tarde de Agosto, ao jantar — que fôste convidada pelos tios a passar uma semana no Estoril, enquanto a Juca está no Algarve.

— E os Paizinhos deixam-me ir? — perguntei, muito calma.

O Xana escancarou os olhos e gritou:

— A menina está virada do avêsso desde que se embeiçou pelo Antònio! Se êsse convite viesse antes disso, até saltava na cadeira!

Eu ri, achando-lhe razão; e o Manuel observou:

— Você desta vez acertou, não há dúvida!

— O quê, tu não gostas de ir, Maria Rita?

— A Mãe bem sabe quanto eu gosto dos Tios; mas o Antònio absorve tanto o meu espirito, que o que prefiro sempre é...

— Escrever, dançar, sonhar, adorar o mais-que-tudo — exclamou o Xana, troçando.

E lá fui para o mundanismo do Estoril; embora os Tios vivam um pouco retirados na sua linda casa perto do Golf, rodeada de calmos pinhais onde o socêgo é ideal e quási absoluto.

Tôdas as manhãs ia até ao Tamariz com a Lixa, convidada também pelos tios; mas enquanto ela se entusiasmava com as elegâncias, achando «chic» todo aquêle conjunto de pessoas semi-nuas, eu sentia-me invadida por uma impressão nova, como se a minha mentalidade estivesse diferente...

— Então por estares noiva mudaste os teus gostos? — perguntou a Lixa, irritada com os meus desabafos.

— Não sei o que te responda, Lixa, mas acho tudo isto... indecente, anti-estético, ridiculo!

— Mas foi o Antònio que te meteu na cabeça essas teias de aranha? — tornou ela.

— Nunca falámos nem no Estoril, nem no nudismo, nem nas esquisitices desta época. Mas sabes, Lixa, quando passo no meio daquelas criaturas de saiote que não tem mais de um palmo e meio, de costas nuas, de pernas negras (e até peludas), e as vejo, não entrar pelo mar dentro mas numa exibição caricata ao lado dos rapazes, sinto quási... vergonha de as encarar!

A Lixa, indignada, exclamou:

— Ora adeus, isso é forte, Mirri! Muitas delas são senhoras de valor e algumas têem belesa a dar com um pau: tomáramos nós!

— Confesso que nem reparei, tão cobertas de tintas e oleos estão aquelas caras. E apontando com os olhos a figura adorável da pequenina Lili, estendidinha meio nua ao lado da mãe, cujo fato cobria muito pouco do seu corpo gordo, não pude deixar de observar:

— Aquela creança sentirá pela mãe alguma espécie de respeito, Lixa?

— Respeito e nudez não são incompativeis, me parece — respondeu a Lixa, sacudida. — E tu dantes não pensavas assim.

Terá a Lixa razão? Será possivel que eu achasse natural aquela exibição ordinária que a gente nova adoptou nas praias?

O que é certo é que hoje... incomoda-me e fere a minha sensibilidade, irrita-me!

E penso que uma verdadeira católica deve apresentar-se sempre de maneira a não ter de còrar diante de ninguém: nem de crianças, nem das criadas, nem da familia, nem de um padre, mesmo!

— Tudo isso são exageros — concluiu a a Lixa, despeitada — A vida hoje é mais «nature» como dizem os franceses. Nada de peias, nem no vestir, sequer.

— Nesse caso marcha-se para traz como o caranguejo e voltaremos, quem sabe? à vida das cavernas, à Idade da Pedra...

E' um pontapé na civilização cristã, é o que é! declarei eu, com fôrça.

(Conclue no próximo número)

GENTE NOVA

É êste o título do novo romance que breve vai publicar-se nessa vossa Página, queridas raparigas da M. P. F., quando a *Maria Rita* terminar o seu «diário» de solteira.

Quanto eu gostaria de saber se vos agradou a vida alegre e despreocupada dessa Maria Rita, que julgo ter tantas parecenças com algumas de vós! Esforcei-me, creiam, por fazê-la vibrar e sentir como vibram e sentem as raparigas de hoje; e tentei evitar que o *Diário* se tornasse aborrecido. Tê-lo-ei conseguido??

Peguem na penna, queridas amiguinhas, e digam-me, com a sinceridade máxima, as vossas impressões sôbre a *Maria Rita, solteira*.

Preferiram a «*Familia Portuguesa*»?

Escrevam-me directamente, digam o que lhes apetece, critiquem e observem — na certeza de que, com as vossas cartas, darão prazer à vossa amiga

MARIA PAULA DE AZEVEDO

(R. de Buenos Aires, 8)

— E lá fui para o mundanismo do Estoril...

fim

E todos partiram
Naquela madrugada loira,
A' procura dêsse império,
Cheinho de sol e oiro.

Era tão linda a caravela
Onde êles partiram...
O mar estava tão manso
Como nunca o viram.

E lá foram,
Levados pelo amor da pátria,
Que era o remo daquela caravela
Tão da côr do sol,
Tôda amarela.

E os dias passavam,
E êles cantavam...

Veio a noite, veio o luar,
E êles sempre a cantar...

E as canções
Eram céus,
Onde iam os corações
Até Deus.

Mas o grande dia surgiu!...

Era uma madrugada loira,
Como era linda a manhã,
Em que a caravela partiu.

India! ao longe!!!... — Mas vê lá...
Não há engano? — Não há.

Sonho feliz...
Realidade...
O' marinheiro, já vês
Novo império português.

por
MARIA DORA CÔRTE-REAL MEIRELES

Desenho de MARIA ALICE FERREIRA — Ambas vanguardistas — Centro n.º 75 — Ala 1, Douro Litoral

"Poema da Primavera"

A Primavera tem para mim o encanto de certas histórias que minha Mãe contava quando eu era pequenina. E, assim, a mais bela quadra do ano, lembra-me as maravilhosas fadas, imponderáveis como éter, cuja varinha de condão tudo enchia de beleza. E hoje, como outrora, sinto uma espécie de deslumbramento. Os meus olhos, a minha alma, tôda a minha vida interior, comungam na religiosidade criadora, na divina alegria da Primavera.

Eu que, durante o Inverno, contemplei desoladamente trechos de solo negro e despido, árvores nuas como mendigas sem trapos, o rio com águas lívidas, quási soltando blasfêmias, e tantas outras coisas horrívelmente tristes, vejo agora, louvado Deus! mercê da Primavera, os mesmos trechos de solo transformados em alcatifas opulentas, como tecidas no Oriente; as árvores vestidas e lindas como noivas à saída dos templos; e o rio murmuroso e límpido como a voz das crianças felizes.

Todavia, essa divina transformação não se opera sòmente nas coisas, reflete-se nas pessoas, mormente naquelas de temperamento impressionável. São, neste caso, exemplos frisantes, os poetas, os artistas, afinal todos os espíritos eleitos que revelam o que sentem através a beleza da palavra, do mármore, do som e da côr.

À hora em que escrevo o dia esplende. A passarada canta nas ramagens em flôr. E seus cânticos exercem dentro em mim um tão estranho e comunicativo enlêvo que eu desejaria ser, no momento presente, mais um elemento no côro alado. E depois cantar descuidadamente, cantar sempre, sob êste sol de oiro e não de fôgo — o sol da minha Pátria!

Em síntese, a Primavera é a imagem da perfeita alegria de viver, ou o símbolo da Mocidade.

MARIA EUSÉBIA DA COSTA MONTEIRO
Filiada da M. P. F. — Vila-Real (Trás-os-Montes)

Quero viver!

QUERO viver! duas Palavras! Que encerram em si? Encerram um grito de desejo atirado à vida. Quero viver! — repetem baixinho as fontes cansadas, os riachos prestes a secarem, os peixes sem água, as aves sem penas para voarem. Quero viver! — repetem suavemente as árvores murmurantes e coposas. Quero viver! — dizem também as fôlha sêcas que caiem, uma a uma, de velhas e ressequidas, nos bancos, nas áleas desertas dos jardins tristes e abandonados! Êsse grito sussurram-no também as pétalas emurchecidas e as rosas desabrochadas, os passarinhos implumes e as doiradas abelhas! Quero viver! — balem num meigo balir os cordeirinhos mansos, quais novelos de macio algodão; repetem, ainda êsse pedido, os pintaínhos ao picar o ovo, ao debicar lentamente a primeira migalhinha de pão! Quero viver! — gritam angústiadas as criancinhas com frio e fome. E' essa também a prece muda dos músicos que sonham como ninguém com as suas notas ondeantes. Quero viver! — digo eu, e uma vez, um som sobrenatural, há-de por certo responder a êstes queixumes, a êstes ais e lamentos! Deus há-de preguntar: Quereis viver? Vivam flores, bosques, árvores, poetas e sonhadores, vivam que eu criei a Terra e o Céu para vós. Tudo é vosso. Até a minha complacência e amizade. Trabalhem e amem-me: é vossa a eterna alegria! Quero viver, gritemos nós, ó Mocidade de hoje, erguendo bem alto, acima da vida e de tudo, o querido Portugal! Repitam no vosso coração, de longe em longe, estas palavras pequeninas que revelam vida e fé. Quero viver!

AMENDOEIRA EM FLOR
Filiada n.º 28687

PRECE

O vento zumbia medonho e a chuva, batendo com fôrça no alcatrão da estrada, saltava de novo para o ar e o vento misturava-se com ela e ela com o vento. Era um turbilhão imenso, um bailado infernal, a natureza lutando consigo própria.

E ali, na volta da estrada, estavam dois braços, duas mãos hirtas e nuas, saídas dum corpo disforme e gasto pela idade, viradas para o alto em atitude de prece, de prece ardente, suplicante e fervorosa, quási desesperada.

Mas a pouco e pouco aquêles braços foram decaindo e aquêle corpo curvando-se.

E a dança da chuva e do vento continuava sempre cada vez mais veloz, mais arripiadora.

E o corpo continuava a curvar-se até que, por fim, tocou no chão e a pouco e pouco foi-se enterrando na lama até desaparecer por completo. A sua prece não tinha sido ouvida e a pobre árvore velha e despida desaparecera no lamaçal. E a chuva continuava sempre a bater no alcatrão da estrada...

GRAZI LINDLEY CINTRA
Centro 9 — Idade: 12 anos

COLABORAÇÃO DAS FILIADAS